

Magnífica Vice-Reitora de Pós-Graduação da UNIFOR Profa. Dra. Lília Maia de Morais Sales,

Magnífico Reitor da UECE Prof. Dr. Jackson Sampaio

Magnífico Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UFC Prof. Dr. Jorge Herbert Soares de Lira

Colegas participantes

Bom dia a todos

A Associação Brasileira de Editores Científicos - ABEC tem tido papel substancial no aperfeiçoamento dos periódicos científicos do Brasil, pois vem promovendo políticas que visam o avanço da ciência brasileira, no que tange a produção, divulgação e internacionalização de nossos periódicos. Temos a obrigação com a ética e da adoção de boas práticas, objetivando fomentar todo o ecossistema editorial brasileiro, ou seja, do pesquisador e autor, editores e seu staff, prestadores de serviços, aos órgãos de fomento.

É com imensa alegria no coração que conseguimos viabilizar a realização de um Abec Meeting no Nordeste de nosso país pela primeira vez, que só foi possível graças ao trabalho liderado pelos professores Juliana Maria de Sousa Pinto – Unifor, Lia Machado Fiuza Fialho – UECE e Osvaldo de Sousa – UFC a quem eu já estendo os sinceros agradecimentos da ABEC à toda comissão organizadora local e à Unifor pela cessão deste maravilhoso espaço e equipamentos.

Esta parceria com todo o time da ABEC, possibilitou a realização deste evento, o qual preparamos com muito carinho e espero que todos gostem e aprendam bastante com a diversificada programação.

Nestes últimos quatro anos de minha gestão frente à Abec realizamos grandes avanços. Tornamos a Associação internacional, onde pessoas de outros países podem participar; Adquirimos uma segunda sala comercial, dobrando o tamanho de nossa sede; Ajudamos a internacionalização de centenas de periódicos do Brasil fornecendo o DOI number e hoje já são cerca de 2.300 emitidos pela ABEC; realizamos novas parcerias com o Fórum de

Editores do Chile e da Argentina e também do CRECS que integra as revistas espanholas e latinoamericanas.

Este é o último evento de minha gestão, então faz-se aqui necessário uma série de agradecimentos àqueles que me auxiliaram nesta caminhada. Estou na Diretoria da ABEC, desde 2008, com a gestão do Prof. Benedito Barraviera, seguidos de mais 4 anos com a gestão do Prof. Sigmar Rode. Agradeço a estes dois ex-presidentes pela confiança depositada em mim para atuar como Tesoureiro da ABEC. Obrigado pelos ensinamentos e orientações.

Aos meus companheiros de diretoria Ana Marlene Moraes, que foi minha Vice-Presidente e também ao meu atual vice-presidente Ricardo Antunes de Azevedo. Aos demais membros Benedito Barraviera, Suzana Caetano da Silva Lannes, Milton Shintaku e também à Suely de Brito Soares da gestão anterior.

Agradeço a todos os conselheiros, em especial à Ilda Fontes e Elisabete Werlang por todo trabalho dispensado para o sucesso deste evento.

À nossos colaboradores Nilson, Natasha, Renata, Roberto, Bruno e Leandro pelo apoio diário e incondicional na condução da ABEC, meu muito obrigado.

E por fim à minha família Ana Silvia e Ana Liz pela compreensão dos inúmeros momentos de ausência. Amo vocês!

Apesar de todos estes grandes avanços da ABEC e a grande melhoria de qualidade dos periódicos brasileiros, estamos vivendo um momento bastante especial em nosso país e todo ecossistema educacional brasileiro vem sendo alvo de críticas e cortes substanciais de recursos financeiros.

Diante deste cenário, eu lhes pergunto: O corte de recursos à ciência do Brasil cria um problema ou busca equacionar diferenças e disparidades?

Vamos aproveitar estes próximos minutos para fazer algumas reflexões, como cientistas, deixando de lado qualquer ideologia que nos tem assobrado nos últimos anos.

Sim amigos cientistas e docentes, é preciso refletir. Reclamar e gritar não nos tirará desta situação. Os pesquisadores brasileiros precisam se unir em torno de propostas sólidas, abrangentes, focadas, na solução de problemas nacionais e não apenas nas críticas às Agências de Fomento.

As pessoas que ajudam a criar políticas e programas de incentivo e fomento à pesquisa e pós-graduação são as mesmas que conviveram conosco, ou seja, são cientistas e/ou docentes.

Diante deste fato, você já se perguntou como este professor conseguiu chegar à Capes, ao Cnpq ou à alguma Fap e não consegue mudar praticamente nada dos sistemas vigentes?

Se você respondeu sim, a resposta é evidente! Apenas porque não é simples qualquer grande mudança, haja vista a complexidade e o tamanho do sistema de pós-graduação construído há mais de 30 anos valorizando o “artigo científico” e não em torno da solução de problemas da nossa sociedade.

A CAPES realmente tem papel relevante na condução da pós-graduação brasileira, mas é preciso ajustarmos aos novos tempos. Agora, mais do que nunca, este sistema está sendo revisto pelos atuais governantes e principalmente pela sociedade, que é a sua real financiadora.

Assim, alguns paradigmas precisam ser revistos: Não existe “estudar de graça”! Existe sim um esforço imenso da sociedade em gerar, por meio de impostos pagos, desde o mais pobre até o mais rico, recursos financeiros que possibilitem o pagamento de sua bolsa de estudos, do financiamento da sua pesquisa, do apoio para sua viagem ao exterior para participar de um evento, entre tantos outros incentivos.

E por que a sociedade paga por isto? Simplesmente porque acredita que por meio da pesquisa e do avanço da ciência iremos gerar desenvolvimento tecnológico e riqueza ao país e promover uma melhoria na nossa qualidade de vida! A sociedade acredita na pesquisa científica com retorno!

Vamos então trazer a bola para o campo das revistas científicas brasileiras, já que como seu representante maior, sinto-me na obrigação de evidenciar alguns cenários e ajudar nesta reflexão.

1. O Brasil possui o maior parque editorial de revistas científicas não comerciais, de baixo custo e de acesso aberto do mundo!

2. Em 2019, possuímos 158 revistas de qualidade indexadas na Web of Science e cerca de 3 vezes mais na base Scopus. Estas são as maiores bases de dados científicos e que atribuem qualidade à ciência mundial por meio de suas métricas;
3. Em 2019, o DOAJ listou 12.582 revistas de acesso aberto. O Scopus 5.920 e WoS 4.485. Apenas o Brasil tem cerca de 2.500. Isto não é impressionante?
4. Participamos de forma expressiva e inegável do projeto SciELO – uma das maiores bibliotecas virtuais, validadas e de acesso aberto do mundo, tendo cerca de um milhão de artigos científicos baixados diariamente;
5. Publicamos milhares de artigos científicos, colocando o Brasil em posição de destaque no mundo no que tange a geração de ciência;
6. Formamos 80 mil mestres e doutores anualmente;
7. Somos campeões disparados na quantidade de faculdades em diversas áreas do conhecimento científico. Só em Medicina Veterinária que é a minha área são mais de 400. A Rússia é a segunda na lista com 41 cursos, USA (27), China (23). Na Alemanha e Canadá existem apenas 5 cursos. Na França são 4!
8. Temos mais faculdades de Administração de Empresas que os USA, que inventaram esta profissão.

Então por que este sistema é constantemente questionado e o que tem dado errado com estes impressionantes dados?

Simplemente porque não está funcionando aos olhos de quem paga a conta, ou seja, da Sociedade brasileira! Então? E daí? Apenas não se esqueça que eu, você e todos brasileiros fazemos parte dela. A diferença é que eu e você que está me escutando, participamos de ambos os lados, como pagadores e beneficiários do sistema!

Vamos continuar a reflexão e elencar alguns pontos para tentar entender por que os atuais financiadores da ciência no Brasil estão descontentes:

1. Os pesquisadores brasileiros apesar de gerar muita ciência, não conseguem gerar tecnologia competitiva, e com isto o sistema não produz riqueza para o país;
2. A indústria de alta tecnologia, que impulsiona a economia dos países ricos (inclui os medicamentos), só encolhe. Estudos de economia mostram que o PIB do Brasil em tecnologia farmacêutica, nos últimos 50 anos encolheu de 9,7% para 5,8% nesta área;
3. Nossa imensa quantidade de artigos científicos tem, além de baixo impacto, baixíssima citação, perdendo inclusive para nossos vizinhos Chilenos e Argentinos;
4. A grande maioria de nossos mestres e doutores está desempregada, ou fora de sua área, pois não estão preparados para competir no atual mercado de trabalho;
5. Formamos doutores, que formam doutores, para formar mais doutores! O sistema entrou em *looping* com enorme dispêndio de energia, ou seja, de recursos financeiros providos pela Sociedade;
6. Como cientistas, além de desdenhar da qualidade das centenas de revistas do Brasil indexadas, de bom fator de impacto e de baixo custo, somos induzidos a publicar cada vez mais em revistas de outros países, que cobram entre 1 mil a 5 mil dólares por artigo aumentando os gastos públicos e a evasão de divisas;
7. Nosso docente, que tem regime de dedicação exclusiva com as Universidades públicas, tem permissão e incentivo para trabalhar de forma voluntária, para não usar a expressão “de graça” para editoras internacionais cujo lucro é de 40% ao ano;
8. Estas mesmas editoras revendem para as agências de fomento brasileiras, o acesso às mesmas revistas produzidas e revisadas graciosamente pelos nossos cientistas a preços escorchantes;
9. Enviamos nossos melhores alunos e pesquisadores aos centros referência de pesquisa do mundo para aprender ciência de fronteira, em que eles (cientistas de outros países) escolhem o tema a ser desenvolvido. Quando estes alunos retornam “internacionalizados”, continuam suas pesquisas aqui no Brasil dentro da temática internacional pois dá mais impacto e publicação em revistas

internacionais! Assim, dentro deste atual contexto de internacionalização, estamos em última análise colaborando graciosamente com o Hemisfério Norte na solução dos problemas deles;

Então a Sociedade se pergunta perplexa: E quem vai resolver os nossos problemas? Até quando vamos continuar padecendo de 18 doenças negligenciadas dentre as 20 elencadas pela Organização Mundial da Saúde? Nossas melhores cabeças, estão em sua grande maioria, colaborando e respondendo às questões pertinentes ao Hemisfério Norte, ou pior, preocupada em publicar artigos Qualis A1, pois aí sim poderão se candidatar às bolsas de pesquisas e fomento atribuídas pelas agências oficiais. Em suma: para ser “cientista” no Brasil você tem que publicar artigos de impacto A1 e não solucionar problemas crônicos da sociedade, que é quem paga a conta!

Nossa comunidade científica precisa se unir para buscar soluções para os grandes desafios da nação! Temos questões macros relacionadas ao meio ambiente, saúde, violência urbana, gestão, infraestrutura, ensino, entre tantas outras, que precisam de respostas e ações imediatas!

É neste sentido que nossas agências devem encaminhar a atual política de financiamento científico, valorizando o nosso parque editorial, publicando os melhores trabalhos também nas revistas do Brasil e, induzindo e criando demandas para proporcionar a nós brasileiros, oportunidades e uma qualidade de vida adequada e merecida!

Entendemos que esta demanda urge e os cortes são atuais. No entanto, como cientistas, é nosso dever trazer à tona qualquer questão pertinente, e que nos ajude a revisar, criticar e otimizar este cenário. Se Deus é brasileiro, certamente Ele nos ajudará!

Um bom evento a todos!

Rui Seabra Ferreira Junior - Pesquisador Adjunto do CEVAP/UNESP

Presidente da ABEC - Associação Brasileira de Editores Científicos